
NOVOS DESAFIOS DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA

A educação física, no Brasil, consolidou sua presença quando conseguiu alcançar o status de curso universitário na década de 70, quase cinquenta anos depois de ter surgido a primeira universidade. Esta caminhada foi andando em ritmo acelerado. Um passo de grande importância, para o agrupamento dos interesses da área da educação física, foi dado com a fundação, em 17 de setembro de 1978, do Colégio Brasileiro de ciências do Esporte. Um ano depois começou circular o primeiro número da Revista do CBCE, que continua sendo o periódico mais representativo para a veiculação da produção de conhecimentos científicos. A partir da década de oitenta houve uma expansão muito acentuada de novos cursos. Hoje, segundo dados do último número da Revista do CBCE, há no Brasil 150 cursos universitários, dos quais 50 estão em São Paulo.

Não vou deter-me sobre a maneira de como os cursos foram instalados, nem na questão da multiplicação quase geométrica dos cursos, porque já há uma boa literatura sobre o assunto. Citei esses dados apenas para acentuar dois pontos que, no meu entender, continuam essa caminhada da educação física no cenário do ensino superior brasileiro. Refiro-me à questão da cientificidade e da profissionalização. Duas instâncias que se complementam. Seria impossível falar da formação profissional sem focar as condições que fundamentam tal formação.

1. TRÊS DISCURSOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

O curso de educação física não surge como uma proposta da própria universidade dentro de suas preocupações pedagógicas de ensino/aprendizagem. Trata-se de um projeto governamental voltado para interesses disciplinares e de controle. Os esportes e os eventos esportivos estavam assumindo um papel importante no cenário internacional. Como controlar os esportes sem a educação física? Eis a questão. Este motivo, aliado a outros ideais higienistas e de saúde, determinou a urgente implantação de cursos de educação física. Ele é, por assim dizer, transplantado da esfera das escolas militares para as universidades públicas. Acontecimento que se deu em pleno regime militar. O curso foi aceito e aplaudido, sem maiores contestações. Um possível debate nem poderia ser cogitado devido à censura da ditadura militar, e, pelo fato de estar começando, poucas seriam as pessoas capazes de ter uma consciência crítica.

Portanto, os primeiros anos da educação física, sob o patrocínio quase absoluto da esfera governamental e de inspiração militar, foram vividos dentro da docilidade de um curso juvenil que ainda não despertara uma consciência própria. Não demorou muito para que pequenos grupos, já respirados nos movimentos que contestavam o regime militar, comessem a sentir a necessidade de pensar a educação física com uma identidade própria, como acontecia com os demais cursos do ensino superior.

1.1 O discurso libertário

Apesar de ter caído de pára-quedas dentro da instituição universitária, a educação física não demorou em desenvolver uma consciência crítica. Surge assim o primeiro discurso que tinha como enfoque central a situação do curso no contexto da sociedade brasileira, particularmente, seu papel

traçado pelo regime militar. Organiza-se assim um discurso denunciante, que chamo de libertário. Era fundamental, de um lado, libertar-se da subserviência ao projeto político vigente, e, de outro lado, desenvolver uma consciência política que buscasse definir um engajamento político para a restauração plena da democracia. A educação física não poderia ser aceita assim como fora instalada, como algo pronto a ser aceito sem objeções e, muito menos, contestações. Diante da recusa de aceitar os fatos consumados, propõe-se que ela precisa ser pensada dentro do contexto social, político e cultural. O profissional da educação física não pode ser comparado a um corpo de enorme massa física coroado por uma minúscula cabeça. O que queria dizer que se tratava de pessoas dotadas de massa muscular e sem capacidade reflexiva.

Essa primeira atitude, no meu entender, é fundamental porque introduziu a educação física no momento histórico de ruptura com o regime militar. Mostra que é capaz de acompanhar um sentimento generalizado de reação e de denúncia contra uma situação de subserviência a um projeto político de controle e dominação. Era o primeiro sinal concreto mostrando que a educação física queria e era capaz de pensar a si e por si mesma, e que gerava uma consciência de auto-estima. Passava a acreditar em si mesma, não precisava de tutelas, pois tinha condições de autodeterminar-se, o que faltava era a autonomia necessária para exercer o poder decisório. Os traços do perfil de sua identidade estavam no caminho da independência.

Apesar de ser, esta primeira fase, um momento muito rico do processo de construção da identidade e do papel da educação física, vou deter-me aqui. Em outras oportunidades já desenvolvi o tema. (Cf. Uma história recente da educação física pelo discurso -Anais do VII Congresso Brasileiro de História - Gramado, junho de 2000). Mas foi através dele que foi possível passar para outras lutas.

1.2 O discurso cientificizante

O segundo discurso, que mobilizou e mobiliza de maneira muito intensa um número alto de estudiosos da educação física, concentra-se sobre a questão da cientificidade. A educação física, depois de ter sacudido a tutela do poder político, buscava uma outra autonomia, aquela que emana do paradigma da cientificidade moderna. Um só caminho conduziria a alcançar esse objetivo, ser ela mesma uma ciência.

As razões para alcançar a cientificidade ou o estatuto de ciência, podem ser várias. A primeira e mais fundamental é, certamente, o domínio absoluto do saber científico sobre todos os outros saberes humanos. As ciências empíricas, desde a física de Galileu, havia construído o modelo e o ideal do conhecimento verdadeiro. Fora delas não haveria nem legitimidade, nem verdade. Elevar uma área de pesquisa à condição de ciência é tudo o que espera um pesquisador ou um profissional a ela vinculado. Transformar um objeto em objeto científico e reconhecer uma maneira de investigar como método científico garantem a credibilidade dos resultados.

Diante desta situação, portanto, tornou-se uma prioridade, para muitos profissionais da educação física, elevá-la ao conceito de ciência. A tarefa, entretanto, não era, e não é, das mais fáceis. As condições a serem preenchidas e os obstáculos a serem superados não são resolvidos por uma simples proclamação. O conceito de cientificidade moderna tem seu paradigma para reconhecer uma área do saber como uma nova ciência.

As condições para atender a esse paradigma ainda não foram, pelo que parece, suficientemente satisfeitas.

- A definição do objeto específico da ciência educação física, ainda não está clara. Seria o corpo ou corpo em movimento. Ciência da motricidade humana sugere Manoel Sérgio. Mas, se fosse o esporte? A educação física não está concentrada nas atividades esportivas? Em geral o profissional da

educação física é apresentado como o homem dos esportes, dotado de corpo atlético. Então a educação física seria a ciência do esporte. Aliás o órgão que congrega os profissionais da educação física chama-se Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Alguns poderão dizer que o esporte é o campo de ação, por isso mesmo que sobre ele deveria acontecer a produção do conhecimento específico.

- A produção de conhecimentos e tecnologias construídas segundo teorias e metodologias em uso na educação física no trato de seu objeto específico. Como o objeto não está delimitado, esta condição fica insegura.

- Por fim ter reconhecimento da comunidade científica. Por enquanto não há uma manifestação oficial de que a educação física foi reconhecida como uma ciência autônoma.

Também não pretendo aprofundar os aspectos deste esforço em buscar o reconhecimento da educação física como uma ciência. Remeto, mais uma vez, para os Anais do Congresso de História, acima citados. Mencionei, aqui, esta luta pela cientificidade porque a ela está vinculado um terceiro discurso, o da profissionalização, e, também, porque é uma condição para desenvolver esta minha reflexão, já que não consigo pensar a formação profissional sem estabelecer os conhecimentos necessários para o planejamento de tal formação. Um perfil profissional é desenhado a partir de uma iniciação científica, isto é, a partir de um conjunto de conhecimentos que capacitam alguém para uma determinada atividade. Um profissional começa por um diploma. O diploma é chave de acesso ao mercado de trabalho.

1.3 O discurso profissionalizante

As escolas são instituições encarregadas de distribuir conjuntos de saberes para capacitar os cidadãos a prestar determinados serviços à sociedade. Todo ensino, hoje, tem um único objetivo, o de formar profissionais capazes de atuar com eficiência nas diferentes esferas das atividades humanas de maior impacto econômico e político.

O curso de educação física foi estruturado nos moldes das licenciaturas, cuja finalidade é formar professores ou educadores. Novamente estou entrando num terreno profundamente movediço, mas não pretendo dizer mais do que o necessário para fazer andar minha reflexão. Ao egresso da escola de educação física, portanto, caberia preencher uma lacuna nas escolas de primeiro e segundo graus. A bem da verdade, sua presença seria obrigatória a partir da iniciação esportiva que aconteceria a partir da quinta série do primeiro grau. Mais uma razão para dizer que o objeto da educação física seria o esporte, cuja comprovação é cada vez mais evidente.

A característica pedagógica não satisfaz a todos os egressos, dos quais não se pode tirar a razão. Na medida em que os currículos mostram uma acentuada preferência para as ciências empíricas e para as práticas esportivas, havia outras áreas, fora da escola, que motivavam e atraíam os, assim chamados, professores de educação física. A função ou a profissão de professor já estava regulamentada, faltava apenas garantir exclusividade, como acontece nas demais áreas, aos portadores de formação acadêmica em educação física, o direito de lecionar essa disciplina nas escolas. À educação física precisava desse reconhecimento. A lei 9696/98 não só estabeleceu definitivamente o registro de professor de educação física, mas, também, ampliou a área de sua competência para além da escola.

A luta pela profissionalização dos diplomados em educação física, ultrapassando os limites do ensino/aprendizagem escolares, ofereceu aos seus acadêmicos a bandeira de reivindicar o status de um profissional liberal. E, depois de muito esforço, foi o que aconteceu. Já estão criados o CONFEF e os CREFs aos quais todos tem o direito de se inscrever. No caso de assumir um trabalho profissional

fora da escola, a inscrição ao respectivo CREF tornou-se obrigatória, mas há uma forte corrente que pretende impô-la a todos, seja qual for a situação..

Assim, a educação física adquire, no cenário do mercado de trabalho, uma posição entre as demais profissões oficialmente reconhecidas. Sem dúvida, sob o ponto de vista do mundo do trabalho, foi uma grande e justa vitória.

Depois de ter feito esta rápida descrição da caminhada da educação física em busca de sua identidade e autonomia profissional, vou concentrar-me na questão da cientificidade, pois será em nome dela que seremos legitimados a pensar qualquer formação profissionalizante.

2. A CIENTIFICIDADE

A cientificidade não é uma palavra que designa o mesmo tipo de conhecimento. Em cada época estabeleceu-se um modelo de cientificidade que, no fundo, significa o saber oficial, estabelecido pela comunidade científica. Thomas Kuhn, em seu livro *A Estrutura das Revoluções Científicas*, diz que a "comunidade científica é formada pelos praticantes de uma especialidade científica". (p.220). Se tomarmos a época do império romano, a comunidade científica era formada pelos oradores, cuja especialidade científica era a Retórica. Já na Idade Média cristã, os teólogos formavam a comunidade científica, e a especialidade científica era a teologia. Hoje, voltando a Thomas Kuhn, "a comunidade científica mais global é composta por todos os cientistas ligados às ciências da natureza". (p221). As comunidades inferiores são formadas por físicos, químicos, astrônomos, biólogos, etc. Os cientistas da educação física formariam uma destas comunidades.

Embora se discuta o tipo de ciência que é a educação física, fica evidente que o modelo de cientificidade dominante é o das ciências empíricas, base de toda cientificidade moderna. A conclusão lógica nos leva a dizer que a formação científica do profissional da educação física deverá ser fundada nas ciências empíricas. As grades curriculares, pelo menos, revelam uma maior ênfase dada a essas ciências.

Antes de continuar o enfoque da cientificidade, quero dizer, a título confidencial, que pessoalmente não vejo grandes vantagens em ser ou não ser ciência, pois há muitas áreas de saber que trouxeram significativas contribuições sem o rótulo de ciência. Digo mais, se tivesse que brigar por um estatuto da educação física, engajar-me-ia entre os que a querem ver ao lado da arte, ou como arte. Defenderia a tese do poeta Hölderlin, interpretada por Heidegger em seu livro *Ensaio e Conferências*, que diz que o *homem habita como poeta*. O homem deveria habitar o mundo poeticamente. As ciências nos ensinaram habitá-lo tecnicamente. Em nosso caso a educação física científica nos ensinou habitar o corpo tecnicamente, poderia nos ensinar habitá-lo poeticamente. Neste sentido gostaria de fazer minhas as seguintes palavras de Pierre Bourdieu: "*Por fim diria que não me sinto comprometido com as verdades científicas, que podem ser ilusórias, mas proclamo com paixão meu compromisso com a vida, se a ciência me ajudar nesta tarefa será bem-vinda*". Esta informação serve para que o leitor tenha um referencial de interpretação do presente texto e do meu modo de pensar a educação física.

Retomando a questão da cientificidade em relação à aspiração da educação física, pode-se observar que esse movimento acontece num momento delicado da ciência moderna. O que representa, no meu entender, uma fonte de desafios para todas as iniciativas em educação física. O ingresso, entre nós, da questão da cientificidade foi através, particularmente, do trabalho de Manuel Sérgio. Em sua obra, *EDUCAÇÃO FÍSICA ou Ciência da motricidade humana?*, apesar de apor um subtítulo interrogativo parece claro que vê, na motricidade humana, o objeto próprio que pode elevar a educação física à condição de ciência.

Na defesa do projeto de ciência, Manuel Sérgio busca inspiração em Gaston Bachelard (1884-1962), particularmente nos conceitos de "Corte epistemológico" e "obstáculo epistemológico" desenvolvidos nas obras "*O Novo espírito científico*" (1934) e "*A Formação do Espírito Científico*". Uma das teses fundamentais bachelardianas, o "aproximacionalismo" ou seja, a idéia de que a bordagem do objeto deve ser feita através do uso de diversos métodos, já que cada um deles seria destinado a se tornar primeiro obsoleto, depois nocivo, revela uma nítida influência da teoria da relatividade e da física quântica, pontos de partida para se pensar uma nova cientificidade.

Já Husserl em 1935 pronunciou um ciclo de conferências com o título "*A crise das ciências européias como expressão da crise radical da vida na humanidade européia (1935-1936)*". Dela temos vários textos, mas o texto principal remonta a esses anos. A idéia de crise já vem esboçada por Husserl desde 1928. Ele diz que as ciências se afastaram do homem e perderam o sentido de humanidade. Depois dos anos oitenta torna-se claro um certo abalo no paradigma que sustenta a ciência moderna. No fundo, Husserl não questiona o paradigma da cientificidade propriamente dito, mas quer rejuvenescê-lo e reencaminhá-lo em direção ao homem. Parece ser a intenção do projeto husserliano, fazer com que as ciências cumpram sua tarefa, pela qual foram criadas e devem ser desenvolvidas, estar a serviço da Humanidade. Portanto, não se trata de negar a ciência moderna, mas de reconduzi-la a serviço da existência humana. É o que Brecht também dizia, a ciência perde seu sentido se não for para o bem da vida humana.

Atualmente, a questão é mais radical. Fala-se em fim da ciência. Um passo que vai muito além de Husserl e de Bachelard. John Horgan publica um livro, intitulado *O Fim da Ciência*, que causa muita polêmica, mas não deixa de ter uma forte repercussão entre os críticos do absolutismo do conhecimento científico. Como ele mesmo diz, trata-se de uma discussão sobre os limites do conhecimento humano. Ora, para bom entendedor, se a discussão é legítima, significa que o objeto em discussão, a cientificidade moderna, não é mais unanimidade. Aliás, a pesquisa por ele desenvolvida, consultando pensadores e cientistas das mais diferentes áreas, tinha como pergunta central, *teria a ciência esgotado os benefícios que pode trazer ao ser humano?* As respostas são muito variadas e ele, por sua vez, não oferece um resposta acabada e conclusiva. De qualquer maneira os dados que ele apresenta são suficientes para enfraquecer a crença que o homem ocidental moderno depositava no poder inquestionável da ciência.

No rumo desta discussão sobre as ciências encontramos uma literatura crescente, proveniente de diferentes pontos. Parece que se está a caminho de um novo paradigma científico, pois o atual, além de não conseguir responder a todos os problemas, está gerando uma série de novos problemas que só serão superados pela revisão da própria cientificidade em vigor. Momento ideal de mudança conforme nos diz Thomas Kuhn.

Ao lado de obras mais críticas como a de Jean Pierre Lantin, *Penso, logo me engano - Breve história do besteirol científico*, quero lembrar autores que propõem pensar uma nova ciência. Por exemplo, Boaventura de Souza Santos publicou dois livros que merecem ser lidos com muita atenção. O primeiro, *Um discurso sobre as ciências* (1987), e o segundo, *Introdução a uma ciência pós-moderna* (1989). Neles aparece claramente a idéia de esgotamento da ciência moderna. Boaventura afirma com muita segurança que "*A época em que vivemos deve ser considerada uma época de transição entre o paradigma da ciência moderna e um novo paradigma, de cuja emergência se vão acumulando os sinais, e a que, à falta de melhor designação, chamo de ciência pós-moderna*". (Introdução a uma Ciência Pós-Moderna). Entre outras coisas ele critica o isolamento dos cientistas e busca aprofundar o diálogo das ciências com outros conhecimentos que se elaboram no mundo.

Como reforço a esta atitude de revisão da cientificidade moderno quero citar outros nomes, talvez de maior peso científico, como Fritjof Capra, Humberto Maturana, Henri Atlan, Elya Prigogine,

Gregory Bateson, Michel Maffesoli, Edgar Morin junto com todos os movimentos que reconhecem a validade de outras formas de produção de conhecimentos.

Vou dar maior atenção a três pensadores. Primeiramente, Edgar Morin cujas últimas obras estão fortemente voltadas para a exigência de uma reforma de pensamento que consiste, fundamentalmente, numa epistemologia da complexidade. Para ele, é preciso substituir as lógicas da simplificação das ciências atuais pela lógica da complexidade, que seria o ponto central da virada paradigmática, porque deixa de ser analítico para ser multidimensional. O segundo pensador é Humberto Maturana, por trazer uma nova compreensão do ser vivo como um ser autopoietico, isto é, dotado de auto-organização. Pelo sistema auto-organizacional cada ser vivo é original biologicamente falando. Os 60 trilhões de células e os 100 bilhões de neurônios, que constituem cada ser humano, nunca repetem a mesma organização. Como o pensar humano faz parte desta auto-organização original, é de se supor que não somos máquinas inteligentes que produziram idéias similares, padronizadas. Pelo contrário, a especificidade do homem reside na originalidade dinâmica de seu pensamento, em sua formidável criatividade. O terceiro, Gregory Bateson (biólogo, Antropólogo e filósofo), me parece fundamental porque ele consagra a forma do silogismo, conhecida como BARBARA, não na formulação que privilegia os substantivos, preferida pelas ciências exatas, mas a que privilegia os predicados, não aceita pelos cientistas como sendo válida, porque não serve para o uso em testes, e que serviria apenas para os poetas. Entretanto Bateson diz que *“A vida, provavelmente, nem sempre estará interessada em saber o que é logicamente aceitável”*. Segundo ele o seu silogismo pode não ser aceitável do ponto de vista da lógica, mas certamente ele traz uma contribuição muito grande para a compreensão dos princípios da vida.

3. A PROFISSIONALIZAÇÃO

Os movimentos de busca de novos paradigmas epistemológicos capazes de dar resposta aos problemas que a cientificidade moderna não conseguiu resolver refletem-se no mundo do trabalho. Esses reflexos são de dois tipos. O primeiro projeta-se sobre a formação profissional. A questão pode ser resumida assim, como devem ser os perfis profissionais num mundo em transformação, exatamente devido aos avanços científicos e tecnológicos. O segundo atinge diretamente o mundo do trabalho. Sabemos que o regime do trabalho sofreu profundas alterações que se estendem desde o tempo da coleta, passando pelo artesanato e os ofícios, até chegar a profissionalização especializada da era industrial e da informática.

Desde a era industrial os indivíduos deixaram de ter sua identidade ligada à família e ao nome próprio, para identificar-se com o seu trabalho. A profissão passou a ser o referencial singular do cidadão. A certidão de nascimento perdeu importância para a carteira de trabalho, onde está registrada a categoria profissional. Somos reconhecidos pela nossa profissão, pelo que fazemos. Somos o que fazemos.

Hoje, há uma onda crescente de intelectuais declarando abertamente que estamos entrando numa era pós-industrial, pós-moderna ou sobre-moderna, que levaria ao tempo do pós-emprego, do pós-trabalho ou do tempo do ócio criativo. Há uma forte argumentação mostrando que a era do trabalho estaria chegando ao fim. Não que o trabalho desapareça, mas ele não seria mais a grande tarefa do homem dentro do sistema produtivo. O homem pós era-industrial assumiria o papel de consumidor. A produção ficaria para as máquinas robotizadas.

As teses básicas desses pensadores, identificados de pós-modernos, vêm encontrando sempre mais adeptos e, particularmente, entusiasmando as camadas sociais mais privilegiadas. Neste sentido é bom lembrar o que Aristóteles sonhava com a automação, como se fora algo inatingível, uma total

ilusão, ao dizer como seria bom se o arco tocasse sozinho a cítara, as lançadeiras não precisassem de tecelões e tecessem sozinhas, e assim todo instrumento realizasse sua função sem a participação de um manuseador. Diante desta inusitada previsão, e ilusória para aquela época, concluiu: "*então os patrões poderiam ter menos operários e os senhores menos escravos*". Num passo decisivo para concretizar o sonho aristotélico encontramos, no final do século XIX, Frederick Winslow Taylor, propondo que se poderia produzir muito mais bens e muito mais serviços com menos trabalho se as fábricas, os escritórios, e qualquer organização ou atividade fossem organizadas científica e tecnicamente.

Hoje implantamos o projeto de Taylor e realizamos o sonho de automação de Aristóteles. Quando falamos nestes dois autores, como marcos do processo de automação e de aumento da produção, não se presta atenção a um aspecto muito importante. Aristóteles diz que os patrões podem diminuir seus operários e os senhores, seus escravos. Em nenhum momento fala em melhorar a vida dos operários ou de abolir a escravidão. No caso de Taylor, ocorre a mesma coisa. Ele fala em aumento da produção, mas não fala em distribuição dos benefícios. Nenhum dos dois propõe uma melhoria de vida para os trabalhadores. O que interessou aos promotores do processo de desenvolvimento foi o aumento da produção e da automação, e não a distribuição das vantagens obtidas para o conjunto dos cidadãos, tanto é que os marginalizados aumentam e a concentração das riquezas diminui cada vez mais o número de favorecidos. Algumas pesquisas revelam situações trágicas. Estatísticas econômicas mostram que o presidente da Travellers Group ganha 413 bilhões por ano mais de um bilhão por dia. O presidente da Coca Cola ganha 201 bilhões. No entanto, no mesmo país, o mais poderoso do mundo, 30 milhões vivem abaixo do limite de pobreza, sete milhões estão reduzidos a mendigos sem moradia fixa e 1,7 milhão estão encarcerados. (De Masi p. 15) Outros exemplos. Os países do G8 (EUA, Canadá, Inglaterra, França, Itália, Alemanha e Japão detêm 18 trilhões de dólares dos 25 trilhões do PIB mundial. Os outros 7 trilhões são repartidos entre mais de 240 países. Mais, três cidadãos americanos - Bill Gates, Paul Allen e Warren Buffet - possuem juntos uma fortuna superior ao PIB de 42 duas nações pobres com 600 milhões de habitantes.

No meio destes abalos que atingem o sistema produtivo, responsável pelo mercado de trabalho, surgem duas perspectivas que não podemos desconhecer. A primeira é a de "*Um mundo sem empregos*", como diz William Bridges. O processo profissionalizante encontrava na criação de empregos uma poderosa fonte de valorização e de sustentação. Segundo William, foram-se os empregos e restou o trabalho, embora sob outra visão.

A segunda perspectiva é a apresentada pelo empresário Domênico De Masi. Neste mundo de alta tecnologia aplicada à produção, sempre crescente de riquezas e conseqüente diminuição das horas de trabalho, ele vê surgir um mundo do não-trabalho, ambiente propício para o ócio criativo. A proposta pode ser lógica, mas num mundo tão desigual dificilmente pode-se falar em ócio criativo para quem não tem as condições mínimas de uma vida digna dentro do modelo econômico vigente. Para que o ócio criativo tenha sentido humano, será preciso começar pela eliminação das grandes diferenças sociais.

Evidentemente essa descrição pode desenvolver-se em várias direções, mas não é este o meu objetivo. Essas informações foram trazidas apenas para lembrar que o mundo econômico e o mercado do trabalho nos oferecem tais circunstâncias. Uma grande massa da população mundial excluída, que nem sequer recebeu os benefícios da economia do trabalho, certamente, agora será condenada a uma exclusão ainda mais humilhante, pois até sua contribuição pela força do trabalho ficará dispensada.

Espero ter construído uma paisagem suficientemente clara e minimamente completa para começar pensar os desafios da formação profissional, seja na educação física, seja em qualquer curso

profissionalizante. Mas, aqui, a atenção será concentrada na educação física, especialmente, diante do novo fato de estar legalmente reconhecida como uma atividade profissional

4. OS DESAFIOS DE UMA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Até que em fim vou chegar ao ponto central desta reflexão, os novos desafios da formação profissional em educação física. A formação profissional, no meu entender, sempre, em qualquer área, precisa enfrentar múltiplos desafios. As profissões tradicionais, na sua maioria, já se acomodaram em seus nichos científicos, e em seus tronos de poder sobre as atividades que a ordem sociocultural lhes conferiu. Vou lembrar o que já foi dito, a formação de um profissional apoia-se sobre dois pontos, o do domínio de conhecimentos, e o do espaço de intervenção na realidade do sistema produtivo vigente. Resumindo, o que ele deve saber, o que ele pode fazer.

O tema proposto, entretanto, não fala apenas em desafios da formação profissional em educação física. O título é claro, refere-se a *novos* desafios. Se é possível falar em *novos* desafios, significa que deve haver outros desafios que não são novos. O novo distingue-se de algo que é anterior, antigo, velho ou do que já é conhecido, do que já foi visto ou tratado. Foi por isto que, nesta minha reflexão, dediquei uma atenção especial às questões da cientificidade e do processo de profissionalização.

Em que consistiria esta novidade a propósito dos desafios que as escolas de educação física precisam enfrentar para definir o perfil profissional de seus acadêmicos? Acredito que todos concordam que a educação física, desde que foi instalada como curso superior, sempre teve como objetivo formar um profissional, portanto, já existe uma experiência consagrada. Pelo que se sabe os cursos de educação física foram criados para formar professores para as escolas de primeiro e segundo grau. Portanto, não se pode, a rigor, falar em algo totalmente novo. A conquista atual da profissionalização buscou ampliar seus espaços de atuação. Novo, então, seria a ampliação do trabalho e não a formação?

O meu desafio, neste momento, será tentar apresentar o significado desta novidade, evidentemente, segundo a minha compreensão, que preocupa aqueles que se sentem responsáveis pelo papel que a educação física deve desempenhar num mundo globalizado.

5. OS NOVOS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Sempre que falamos em novo, referimo-nos a algo que desconhecemos ou, pelo menos, de alguma coisa diferente do usual, do habitual, daquilo que costumamos fazer ou dizer. O novo, em princípio, acrescenta algo que pode contribuir para melhorar o que fazemos, mas, também, pode significar algo diferente que introduz mudanças na rotina de nossa vida. O novo pode trazer sentimentos contraditórios de alegria ou de preocupação. De alegria por que vem algo melhor, de preocupação porque nos obriga a rever nossas posições. Penso que o primeiro aspecto dos novos desafios na formação profissional em educação física seja o de rever seus atuais fundamentos.

5.1. Uma revisão

O primeiro e, talvez, o mais difícil desafio, quando surge uma novidade em nossa vida, é, sem dúvida, a coragem de rever o que estamos fazendo. Muitas vezes o novo nos obriga a abandonar velhas crenças e velhos hábitos. O que é sempre uma tarefa complexa, especialmente quando nos acomodamos na segurança da rotina. A revisão, no caso da educação física, pode ser exigida por diferentes razões. A profunda ampliação do espaço de trabalho, certamente, impõe que se reconsidere os fundamentos científicos e acadêmicos da formação profissional em três sentidos. O

primeiro diz respeito ao preparo intelectual, isto é, ao conjunto de conhecimentos para o bom desempenho de uma tarefa. O segundo diz respeito à ocupação do novo espaço de atuação, o que exige uma compreensão adequada da ordem sociocultural e do momento histórico dos quais fazemos parte. O terceiro diz respeito à uma mudança de compreensão do ser humano, isto é, uma mudança antropológica.

O próximo passo, portanto, consistirá em apresentar, ainda que resumidamente, os traços gerais destes três sentidos.

5.2 Os conteúdos cognitivos

A formação profissional, uma vez oficialmente reconhecida por lei, começa pela capacitação intelectual que se faz pelo acesso aos conhecimentos científicos específicos. Foi dito anteriormente que vivemos um movimento de renovação científica. Há uma forte corrente de cientistas e intelectuais que anunciam abertamente um esgotamento do paradigma das ciências modernas. Não que se possa desprezá-las e abandoná-las, pois seu contributo é inquestionável atualmente, mas há problemas que elas não conseguem solucionar, alguns, inclusive, provenientes delas mesmas. E o questionamento vai mais longe, fala-se abertamente na busca de uma nova ciência, especialmente para os fenômenos dos seres vivos em geral, e do ser humano em particular.

Essa situação de crise das ciências modernas, em relação à educação física, pode ser interpretada contraditoriamente como vantagem ou como desvantagem. Desvantagem, porque, exatamente, no momento de seu reconhecimento como profissão não pode confiar plenamente nas ciências existentes. A vantagem, justamente, dá outra interpretação ao mesmo fenômeno. Pelo fato das ciências modernas estarem em crise, a educação física já poderia desenhar o perfil de sua formação profissional segundo o ideal de uma nova cientificidade.

Esse primeiro sentido dos novos desafios sugere um questionamento das bases curriculares. Hoje sabemos que os currículos dos cursos de educação física tem como base duas ciências, a Física e a Química, aliás elas são a base das ciências modernas, já que se interpretava o mundo como uma organização sustentada exclusivamente por forças físico-químicas. Ora, a educação física, em linhas gerais, reduziu o movimento do corpo humano como um fenômeno físico, o que possibilitava fundamentar seu referencial teórico em ciências físico-químicas como a mecânica, a biomecânica, a bioquímica, a fisiologia, etc.

A ruptura com este modelo, certamente, será o primeiro e, talvez, o mais difícil passo dos novos desafios. Haverá sempre a resistência dos que preferem ficar com o modelo estabelecido, e, com muitas razões, porque já tem demonstrado as vantagens que ele oferece num mundo competitivo através de grandes resultados com o aumento de performances atléticas ou de melhoria de rendimentos físicos. Para os defensores do modelo vigente, a mudança não tem sentido pois não se sabe em que bases científicas se pode confiar, já que a ciência, dita pós-moderna, ainda não existe. Sem ter antecipadamente um referencial científico seria inadmissível definir qualquer tipo de formação. Seria o mesmo que sair para uma pescaria sem anzóis ou redes. E outros aspectos mais grave pode estar no fato de que o novo paradigma científico poderá privilegiar o respeito e não a exploração da vida. O importante é viver bem e não produzir mais.

As razões acima expostas são dignas de respeito, mas é possível descobrir no esgotamento parcial das ciências atuais uma vantagem muito significativa. O argumento principal desta convicção é de que a formação profissional e a construção de uma nova ciência podem acontecer simultaneamente. As mudanças epistemológicas e as mudanças sociais da modernidade foram acontecendo de maneira simultânea. Não se pode dizer que uma antecedeu a outra. E, voltando ao

exemplo banal da pescaria, os anzóis e as redes podem ser confeccionados segundo o tipo de peixes existentes na lagoa; ou, talvez, nenhum destes instrumentos de pesca sejam viáveis, será necessário pensar em outras armadilhas. Aí tudo depende da criatividade do pescador, orientado pelas suas observações do ambiente e pelos conhecimentos que possui.

Parece claro que a ciência pós-moderna não está definida, mas no dizer de Boaventura de Souza Santos, há um acúmulo de sinais que garantem sua emergência. Será preciso uma dupla invenção, a da ciência e a da formação profissional. Este, sem dúvida, é o grande novo desafio da formação profissional em qualquer área, ter a capacidade de desenvolver um processo de criação e de recriação continuado, em que cientificidade e profissionalização tornam-se complementares.

5.3 Uma nova cosmovisão

As ciências modernas mudaram a visão de mundo que vigorava na Idade Média. A partir da teoria da relatividade e, especialmente com a formulação da teoria quântica na física, a cosmologia originada do heliocentrismo e da lei da gravidade passou por profundas modificações chegando às teorias do Big Bang e do Caos. Não é mais possível sustentar a necessidade e a imutabilidade das leis naturais. O universo está em constante movimento cuja tese central é a do acaso.

Na biologia ocorre um fenômeno similar, os avanços das pesquisas da biologia molecular e da engenharia genética modificaram profundamente os conceitos da natureza dos seres vivos em geral, e do homem em particular, ampliado pelos avanços da neurologia.

Na ordem social, o avanço da economia sobre a política alterou profundamente as relações entre os indivíduos, as instituições e os países. A idéia de que o poder econômico governa o mundo globalizado encontra cada vez mais adeptos. O processo de globalização ou mundialização de um pensamento único está alicerçado numa economia globalizada.

É, exatamente, neste mundo globalizado que a formação profissional encontra outro forte novo desafio. Como definir e exercer uma profissão nesta nova ordem econômica, cujos traços gerais já vistos, caracterizados pela era do não-trabalho e da exclusão de milhões de seres humanos? Ou, talvez, seria este ambiente o grande momento da educação física?

Pensar a formação profissional segundo a divisão de trabalho da era moderna era fácil. O profissional da educação física teria como objeto específico o corpo humano em movimento. O movimento humano mais solicitado é aquele aplicado, inicialmente, aos esportes. Depois vieram as atividades de lazer. Por fim, surgiu a fantástica onda da ginástica aeróbica e esteticista. Mas não são estas as novas atividades do homem pós era-industrial?

Os locais de trabalho do profissional da educação física, também, estariam demarcados. Infelizmente estavam sendo invadidos por posseiros, leigos ignorantes e charlatões desonestos. Era preciso expulsar esses invasores. Uma exigência da nova ordem social. Tais atividades precisam de gente com diploma, conhecimentos científicos e técnicos. Os clubes, os ginásios, as quadras, os campos de jogos, as piscinas, os parques, o turismo de lazer e, a grande moda, as academias foram estabelecidos como os santuários da nova profissão e dos novos xamãs.

Entretanto não se pode esquecer que tal cenário parece mostrar que tudo está pronto para que a educação física volte a prestar serviço para um novo padrão, o poder econômico globalizado. Não se fala de atender os trabalhadores, cuja tarefa exige o desgaste de energias físicas diariamente. Também, pouco se pensa nos milhões de marginalizados pelo processo de globalização.

Por outro lado, seria possível pensar uma formação profissional que fosse desenhada pelo esforço de atender as necessidades corporais segundo a situação de grupos sociais e de indivíduos. Se a educação física tem como objetivo cuidar da corporeidade humana, não pode privilegiar apenas o

grupo beneficiário da ordem econômica.

Neste segundo aspecto está, no meu entender, o ponto mais crucial do novo desafio. Formar um profissional capaz de contribuir para construir uma nova ordem social, onde haja mais participação, mais inclusão e menos injustiças e exclusões.

5.4 Uma nova antropologia

As mudanças no modelo científico e no modelo cosmológico afetaram profundamente a imagem de homem. O homem da era do pós-trabalho ou da era pós-moderna encontra-se perdido. O seu passado foi destruído pelas novas teorias científicas, o seu presente parece não ter sentido, o seu futuro é uma incógnita perturbadora. Os pensadores pós-modernos, tentam interpretar essa situação transitória como uma tendência geral de viver o presente. *Carpem die*, é a expressão usada, que significa aproveita o presente, goza o dia, o agora., reflete uma mentalidade presenteísta.

Esses problemas são gerados por essa perda de um valor cultural como centro de referência, isto é, o ponto de orientação das pessoas. As mudanças, acima resumidamente descritas, geraram uma certa confusão na mente das pessoas. Violências, injustiças, desigualdades, lutas fratricidas, explorações, exclusões, etc. instalaram a epidemia do medo, da insegurança e do sem-sentido. A única saída é aproveitar o que o presente oferece, para quem é beneficiado pelo sistema, ou revoltar-se e apelar para a violência, para quem não tem nada a perder.

Outros traços fortes da nova antropologia são desenhados pela engenharia genética. Inicialmente os transplantes, depois os transgênicos e por fim os clones, inicialmente do animais, agora, em vias de acontecer, dos humanos. Cientistas ingleses acreditam que o primeiro clone humano é apenas questão de tempo. No momento, um médico italiano está colocando em alvoroço a comunidade dos cientistas e os teólogos diante da firme decisão de realizar tal façanha, contando a disposição de centenas de voluntários.

O primeiro clone humano, dizem os cientistas mais prudentes, deverá enfrentar sérios problemas, mas muito rapidamente tudo poderá ficar normalizado assim que se tiver um controle mais seguro sobre a aplicação de tal tecnologia em humanos. Repetir-se-ia o que ocorreu quando surgiram os primeiros filhos de proveta. Hoje se planeja um filho de proveta para tornar-se um doador com fins terapêuticos. Ou produzir embriões humanos como banco de células para a cura de doenças do próprio doador.

E agora eu pergunto: como os responsáveis pela formação profissional em educação física estão pensando esses avanços da engenharia genética? Estaria aqui o mais perturbador novo desafio da formação profissional da educação física? A minha resposta é, sim. Porque a educação física tem a ver diretamente com a questão da corporeidade humana e o profissional da educação física poderá ser o grande empresário que em busca de atletas geneticamente construídos. E, como cúmulo das possibilidades de seu futuro, poderá ser o grande candidato para assumir a tarefa de guardião do parque humano, proposto por Peter Sloterdijk, onde se criaria o homem perfeito geneticamente planejado.

Evidentemente, essa reflexão sobre os novos desafios da educação física visa apenas chamar a atenção sobre as enormes possibilidades que os novos profissionais encontram à sua frente. Diria que a euforia do momento deveria ser controlada pelo aprofundamento dos temas da bioética, cujo princípio fundamental é o respeito à vida. Parece inquestionável que a maior tarefa do ser humano é cultivar a vida, muito diferente de usá-la, em todas os seus níveis, humana ou não.

Para concluir quero lembrar o que diz De Masi. "*O determinismo mecanicista é o horizonte certo de uma forma de conhecimento que se pretende utilitário e funcional, reconhecido menos pela*

capacidade de compreender profundamente o real do que pela capacidade de o dominar e transformar. (Desenvolvimento sem trabalho p. 17) Uma simples observação da era da ciência e da tecnologia nos mostra que em nome da ideologia do utilitário e do funcional foram criadas todas as profissões, exatamente porque a sociedade industrial é uma sociedade do desenvolvimento e, ao mesmo tempo, uma sociedade do trabalho. A vida de cada pessoa era construída em torno do ideal de trabalho. Mas hoje, essa sociedade do trabalho está desnordeada por duas razões. Primeiro, porque a força criadora do trabalho foi reduzida à mercadoria, o que fez regredir os trabalhadores ao nível de escravos e de classe subalterna. Segundo, porque, hoje, está diante da falta de trabalho, conseqüentemente de emprego

Acredito poder simplificar a questão dos desafios da formação profissional apontando dois caminhos. O primeiro, o mais fácil, já está traçado em suas linhas gerais nos currículos dos cursos de educação física. Estes oferecem uma base científica construída a partir do paradigma da cientificidade moderna. O mercado de trabalho já está assegurado conforme o regime imposto pelo sistema produtivo capitalista. Teríamos, portanto um profissional competente e competitivo. Atrevo-me dizer que seu ideal de trabalho poderia ser sintetizado na proclamação da eficiência e da competitividade. Se esta afirmação for correta, não seria exagero dizer que, a exemplo do que se faz nos escritórios de muitas empresas, não ficaria mal se, nas academias e locais de treinamento, fosse fixado o seguinte texto: *"Toda manhã, na África, uma gazela desperta. Sabe que deverá correr mais depressa que o leão ou será morta. Toda manhã, na África, um leão desperta. Sabe que deverá correr mais do que a gazela ou morrerá de fome. Quando o sol surge, não importa se você é um leão ou uma gazela: é melhor que comece a correr"*. (O Futuro do Trabalho, p.31). Acredito que não precisa comentar, a mensagem está clara, a única saída é vencer.

O segundo caminho não existe. Ele precisa ser aberto. Encontrei, há alguns dias, um marcador de páginas contendo esses dizeres, já de todos conhecidos: *"O caminho não está feito. Ele se faz ao andar"*. A formação profissional, não só para a educação física mas todas as profissões que não querem ser subservientes, no contexto do mundo atual e no meu entender, o caminho é aquele que se faz ao andar. Os avanços das pesquisas biológicas, desenvolvidas por Prigogine, Bateson, Damásio e Maturana, revelam que todos os seres vivos são dotados de uma estrutura, melhor, são essa estrutura, que se auto-organiza. Maturana diz que os seres vivos são seres autopoieticos, isto é, eles mesmos se criam, não precisam de um modelo externo para se realizarem. E cada um é modelo de si mesmo. Só precisam que o meio ambiente lhes forneça os recursos necessários.

Portanto, o profissional da educação física que segue o segundo caminho, o caminho que não está feito, sabe que precisa inventar, criar e refazer-se todos os dias. Sabe que seu ideal de ação deverá ser orientado para a construção de uma sociedade mais justa, e para a formação de um cidadão mais feliz. Sabe que a sua tarefa consiste em recuperar o tempo da vida e não reforçar o tempo do trabalho. Sabe que não precisa armazenar modelos externos de intervenção, pois o roteiro de suas atividades é dado pela vida. Assim, viver é o caminho. Mas o que é a vida? *"A vida, diz o poeta Wilde, é aquilo que acontece enquanto pensamos em outra coisa"*. E o que é viver? Viver é como a dança e como o amor. A vida, a dança e o amor acabam quando paramos de viver, de dançar e de amar, por isso dizemos que são fenômenos efêmeros. Mas os três podem ser eternos quando temos a coragem de recomeçar todos os dias a viver, a dançar e a amar.

Diante desses dois caminhos diria que há dois tipos de profissionais. Um, acredita que, uma vez possuidor do diploma, torna-se definitivamente um profissional. Por isso se acomoda como se fosse uma escultura. Apelando para uma linguagem um tanto agressiva e depreciativa, poderia traçar um perfil caricaturado a partir da crítica feita aos médicos, quando se diz que alguns julgam-se profissionais desde que tenham o direito de vestir o jaleco, colocar a tiracolo o estetoscópio e

carregar na mão esquerda um analgésico e na direita um antibiótico. Assim, será que alguém poderia julgar-se um profissional da educação física ao vestir um abrigo, calçar um tênis, carregar uma bola e possuir um apito?

Outro, tem consciência que o que sabe é apenas um passo dado no caminho da profissionalização. Ser profissional não significa ter chegado ao fim, ao contrário, é o começo de sua profissionalização, pois esta acontece nas tarefas do cotidiano como um novo desafio, que inicia pela sua renovação diante dos novos apelos da realidade que não é mais exatamente a mesma da de ontem. Diante de uma realidade que muda, só será um bom profissional aquele que muda. Diante de um novo desafio, só será correta uma nova atitude.

E, como última palavra, diante destes dois tipos de ser profissional em educação física, ousou apresentar dois paradigmas correspondentes. Um, representado por um comandante, prefere trabalhar com a marcha unida; outro, representado por um maestro, dedica-se a reger uma orquestra polifônica.